

TRÊS DÉCADAS DE EUCALIPTO NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Sebastião Pinheiro Gonçalves Cerqueira Neto*

Resumo

As grandes empresas que têm no eucalipto sua principal matéria-prima encontraram no Extremo Sul da Bahia condições naturais favoráveis para o desenvolvimento de suas atividades. Contudo, as plantações de eucalipto não modificaram apenas a paisagem rural, transformaram e influenciaram a dinâmica urbana. Depois de mais de 30 anos na região o eucalipto ainda provoca muitas discussões sobre seus efeitos que são sentidos desde o espaço natural, passando pela geração de trabalho e renda até a organização do espaço. Este novo ciclo econômico que o eucalipto representa é o resultado das metamorfoses dos espaços que estão abertos para o desenvolvimento. Desta forma, o eucalipto não deve ser tratado como se fosse algo imposto somente pelas empresas, mas, também, como parte de um projeto apoiado pelo governo brasileiro desde 1974. Compreender essa relação dialética será o objetivo principal desse artigo.

Palavras-chave: Extremo Sul da Bahia, eucalipto, espaço, desenvolvimento, governo.

THREE DECADES OF EUCALYPTUS IN THE EXTREME SOUTH OF BAHIA

Abstract

Large enterprises have in eucalyptus its main raw material found in the extreme south of Bahia natural conditions favorable to the development of its activities. However, eucalyptus plantations have not changed just the rural landscape and influenced, transformed into urban dynamics. After more than 30 years in the eucalyptus still causes many discussions about their effects are felt from the countryside, passing by the generation of employment and income to the Organization of space. This new economic cycle that eucalyptus represents is the result of the metamorphoses of the spaces that are open for development. This way, the eucalyptus trees should not be treated as if it were something imposed only by enterprises, but also as part of a project supported by the Brazilian Government since 1974. Understand this dialectical relationship is the main goal of this article.

Key-words: Extreme South of Bahia, eucalyptus, space, development, Government.

Introdução

Historicamente, atribui-se ao agrônomo Edmundo Navarro de Andrade a responsabilidade de apresentar o eucalipto às terras brasileiras no ano de 1904, com o objetivo de abastecer a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. No que

tange aos programas oficiais, os investimentos no papel e celulose datam do II Plano Nacional de Desenvolvimento que ocorreu entre 1975-1979; portanto, este setor fazia parte da relação dos "principais grupos de insumos básicos considera-

*Professor de Geografia do Instituto Federal da Bahia. E-mail: cerqueiraneto.mg@gmail.com

dos pelo II PNB visando garantia de suprimento, numa auto-suficiência aberta ao fluxo de exportação" (MONTEIRO, 1981, p.35). Assim, pode-se perceber que o eucalipto não encontrou somente condições edafoclimáticas favoráveis, mas, contou com um plano de desenvolvimento de sua lavoura amparado oficialmente. Por volta do início da década de 80 o Extremo Sul da Bahia se torna uma região altamente atraente para a proliferação das grandes plantações de eucalipto que, inicialmente, será destinado à produção de papel capitaneada por duas empresas que são referências no mercado mundial.

O Extremo Sul da Bahia é uma região que está classificada pelo Estado da Bahia sob duas vertentes: como um território de identidade, um projeto que o Estado elaborou para mapear sua diversidade cultural, e a outra classificação é dada através daquilo que a região produz nos principais

setores da economia, sendo uma região econômica entre as quinze delimitadas pelo Governo da Bahia; segundo a classificação do IBGE para microrregiões, na Bahia, o município de Porto Seguro representaria toda essa área que é o Extremo Sul, existindo então a microrregião de Porto Seguro que abrangeria todos os municípios localizados no Extremo Sul do Estado. O Extremo Sul é composto por vinte e um municípios e suas fronteiras estão demarcadas da seguinte forma: ao Norte, Sudoeste da Bahia e Litoral Sul da Bahia; ao Sul, com o Estado do Espírito Santo; a Oeste, com Minas Gerais; e, a Leste, com o Oceano Atlântico. A sua posição geográfica no mapa do Brasil é privilegiada (figura 01), haja vista a região participar de um dos trechos mais importantes da BR 101 que faz a transição entre o Sudeste e o Nordeste do país.



Figura 01. Localização da região pesquisada. Elaboração: PORTO, Ronaldo R., 2007.

Este artigo é o resultado de um capítulo da minha tese de doutorado intitulada *Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia* defendida em 2009 na Universidade Federal de Sergipe. Em 2008 publiquei na Revista de Geografia Agrária Campo Território da Universidade Federal de Uberlândia um artigo sobre o eucalipto e seus efeitos no campo, desta forma, o artigo que apresento aqui irá se dedicar à relação do eucalipto com outros setores pesquisados após o término da pesquisa. Nessa reflexão o leitor poderá entender como se dá a relação entre as grandes empresas do eucalipto com a região e reatamento no urbano.

O eucalipto nas cidades

Apesar de se discutir amiúde os efeitos do plantio de eucalipto no meio rural e ecológico, estes efeitos também estão presentes no meio urbano; muitos municípios tiveram a estrutura urbana sensivelmente modificada. No município de Mucuri, localizado na fronteira com os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, o eucalipto teve uma grande influência no aumento da sua população, que era de 4.810 habitantes em 1991 e em 2005, teve um acréscimo de 22.305 moradores. Na mesma proporção houve um aumento do número de lojas de diversos segmentos, aparecimento de fábrica de móveis, a construção e ou reformas de hotéis e pousadas, a incrementação das clínicas e hospitais, consultórios etc. Estima-se que houve a geração de 13 mil empregos nos municípios que estão no entorno do parque industrial. A contrapartida desse crescimento é a inflação que houve no mercado imobiliário destas cidades, apesar da alegação de que se há inflação é porque houve valorização do lugar.

Em Porto Seguro e Eunápolis também houve modificações. O primeiro município, que vivia somente em função do turismo e de alguns produtos agrícolas passa também a produzir eucalipto, aumentando sua fonte de receita e amenizando os problemas de empregos que dependem da sazonalidade. E o segundo, antes considerado somente como uma passagem para os turistas chegarem a Porto Seguro, depois da implantação da fábrica conhece um crescimento de proporções grandiosas. Estima-se que houve em Eunápolis num período de cinco anos uma

valorização imobiliária de aproximadamente de cem vezes. Esta variável é utilizada por alguns pesquisadores para demonstrar que as indústrias trouxeram mais problemas do que soluções, o que não é compartilhado por aqueles que têm como negócio a venda e o aluguel de imóveis, e também analisado por alguns estudiosos da economia local como valorização da cidade, afinal, os valores dos imóveis dependem também do estágio de desenvolvimento ou de exclusividade que o lugar possui.

Entre os municípios da grande região Nordeste brasileira, Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Eunápolis e Mucuri tiveram, no período de 1991/2000, as maiores taxas de crescimento populacional: entre 3.50 a 15.60. Por coincidência 1991 marca o início das atividades do eucalipto no Extremo Sul da Bahia.

Dentro da nova dinâmica proporcionada pelo eucalipto, destaca-se a criação de bairros, haja vista eles serem a expressão máxima da metamorfose dos lugares do Extremo Sul da Bahia. Esses bairros, destinados aos funcionários, contam com uma infraestrutura de urbanização melhor que a cidade-sede onde o polo industrial está instalado. Mas, estes bairros ou vilas que são projetados, teoricamente, para haver uma convivência mais próxima dos seus funcionários apresentaram problemas sociais de diferenciação de classes "principalmente entre os filhos de operários e os de funcionários graduados, que apesar de conviverem no mesmo espaço, não compartilhavam dos mesmos locais de lazer" (PIQUET, 1998, p.86). Alguns estudos de casos mostram que não houve apenas problemas internos, eles ultrapassaram as fronteiras dos condomínios provocando também uma relação conflituosa com os moradores das locais. Não há como desvincular a ebulição sócioeconômica originada pela implantação dos complexos do eucalipto da dinamização territorial de cada lugar em que eles se estabeleceram. As empresas passam a ditar o comportamento da sociedade e (des) ordena o espaço.

Percebe-se que as cidades não se prepararam para receber este novo ciclo econômico que, se por um lado trouxe profissionais capacitados de outros centros e tecnologia consolidando parte do Extremo Sul da Bahia na economia mun-

dial, ele trouxe também pessoas com pouco ou nenhum grau de estudo que incharam a periferia das cidades ou promoveram o aparecimento de novos bairros no modelo de invasão.

Há falhas tanto no que se refere ao planejamento espacial negligenciado pelos políticos, bem como na aproximação das indústrias do eucalipto com as comunidades que estão no seu entorno. Municípios e indústrias necessitam melhorar o relacionamento produzindo, em conjunto informações, com as criações de centros de estudos, gerando conhecimentos para minimizar os conflitos. Quando Lefebvre (1999, p.51) diz que "atualmente o fenômeno urbano surpreende por sua enormidade; sua complexidade ultrapassa os meios do conhecimento e os instrumentos da ação prática", significa que se faz necessário penetrar por vários caminhos deste processo para se obter uma compreensão da sua dinâmica, ainda que a transformação do meio aconteça cotidianamente em diferentes partes do Planeta. Afinal, como justifica Santos (1996, p.67),

em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através das novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra.

O que acontece com o urbano no Extremo Sul da Bahia está se dando dentro de outras regiões, onde a chegada de grandes projetos de desenvolvimento, não importando o seu segmento, provoca sensíveis modificações no meio. A urbanização do Extremo Sul da Bahia se desenvolveu sem planejamentos, e ainda tem outra variável que foi a histórica concentração de investimentos em Salvador e adjacências, como analisam Silva; Silva (2003, p.104): "*a questão urbana na Bahia não se resume mais a Salvador e algumas poucas cidades, como nos anos 60; hoje ela praticamente se manifesta em todo o território estadual (...) inclusive nas extremidades do território*". Este modelo centralizador na forma de administrar, num estado de dimensão territorial maior que alguns países, como no caso da Bahia, teve severas consequências para o atraso de alguns

municípios da região.

Emprego e desenvolvimento: paradoxos do eucalipto

O eucalipto influencia em diversos setores da vida de uma sociedade, mas, depois das questões ambientais, o que mais chama a atenção na presença dessas multinacionais dentro de um território é a mensuração da sua capacidade de geração de empregos. Geralmente, espera-se uma grande oferta de trabalhos com a chegada de uma grande empresa. Esta expectativa é evidenciada num estudo realizado por Dias. (2001, p.324) no qual o autor faz o seguinte relato: "*na avaliação da população, existe uma expectativa favorável quanto à implantação desses empreendimentos, uma vez que, segundo a população consultada: vão gerar empregos, melhorar a infraestrutura, incentivar as atividades ligadas ao comércio e serviços etc.*" Este panorama criado pela população vai proporcionar o estabelecimento de mais uma situação dialética: uma corrente contrária à instalação de seus pólos de produção na região irá argumentar que são inexpressivos os números de empregos gerados e, uma outra parte contra-argumenta dizendo que se deve pensar na amplitude do alcance que a instalação da empresa pode produzir dentro da região e não somente nos empregos gerados diretamente por ela.

Tomando como parâmetro a relação da fábrica da Aracruz Celulose S/A, no município homônimo, Piquet (1998, p. 121-122) mostra alguns dados da correlação investimento e geração de emprego e sua variação em determinados períodos:

entre 1988 e 1991, as obras de expansão da fábrica, no valor de 1,3 bilhão de dólares, exigem a contratação de construtoras, que carrega para o local um contingente de 10.000 operários [...]. Em 1992, emprega 7.000 funcionários, dos quais 66% (4.588) localizados no município, que somados aos seus familiares perfazem cerca de 20.000 pessoas dependentes do empreendimento em Aracruz.

Os números apresentados acima mostram que há um acréscimo na oferta de emprego e geração de renda nos lugares que receberam as fábricas da celulose. Além de gerar trabalho para

os moradores do município, gera também para pessoas originadas de outras regiões do Brasil, contribuindo para a desconcentração de algumas áreas saturadas demográfica e industrialmente do país. A participação da Região Nordeste, onde está inserido o Extremo Sul da Bahia, começa a partir da industrialização nacional, efetivamente, no começo da década de 1970. Segundo Diniz (1993, p.51) "*Embora o Estado de Pernambuco tenha perdido participação, praticamente todos os demais estados ganharam. No entanto, [foi o Estado da Bahia] que aumentou sua participação de 1,5 para 4% da produção industrial do Brasil*". Mesmo com todos os atrasos de investimentos, o Nordeste é a segunda região a aumentar sua atividade industrial quando da política de descentralização de indústrias. E, estas fábricas de transformação da celulose e papel são, no Extremo Sul Baiano, a continuidade deste processo.

De acordo com um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicado em 2007, a Veracel Celulose S/A, uma das maiores produtoras de eucalipto no Extremo Sul da Bahia, teve uma grande participação na geração de emprego e renda do país. Para fazer esta afirmação a FGV apresentou os seguintes números: "dos 741 empregos diretos da Veracel, suas atividades sustentaram mais 29,6 mil postos de trabalho nos demais setores de atividade da economia brasileira, totalizando 30,4 mil empregos no ano de 2006" (FGV, 2007, p. 22).

Para se fazer uma análise sobre a geração de empregos proporcionados diretamente pelas empresas produtoras e transformadoras do eucalipto será preciso dividir sua ação em duas fases: A primeira, quando da construção da parte física e infraestrutura da empresa, se tem a formação de um grande canteiro de obras com a maioria dos empregos direcionados para construção civil. Na segunda fase, em que o parque industrial está construído, há uma retração no número de empregos, e a fábrica passa a absorver trabalhadores nas atividades que exigem um maior nível de escolaridade e conhecimento técnico, tendo em vista que "*a industrialização moderna necessita de um capital humano que possua ao menos habilidades comunicativas para efetuar a concepção, organização, coordenação e*

execução de tarefas" (HANSEN, 2003, p. 98). É um processo que os demógrafos entendem como desindustrializar um lugar, isto é, continua se produzindo, no entanto, com menos pessoas, mas, em contrapartida, com maior grau de qualificação.

A exigência de pessoal mais qualificado para dar continuidade ao funcionamento dos diversos setores da produção faz com que haja a dispensa, senão total, mas de grande parte, daqueles trabalhadores que estavam na primeira fase da implantação dessas empresas. Para ocupar os postos de trabalho que necessitam de pessoas com formação técnica e superior, geralmente, as empresas importam pessoas de outras regiões, pois, nos lugares que recebem este tipo de empreendimento não há trabalhadores capacitados que possam desempenhar as atividades que dependam de um nível de estudo mais elevado. De acordo com Singer, H. (1979, p.210), o modelo de atuação das multinacionais "tende a empregar uma tecnologia de capital intensivo sendo, portanto, improvável que contribua para a redução do desemprego", podendo criar uma insatisfação nas sociedades locais.

O resultado desta dilatação e contração na oferta de empregos temporários em grandes projetos, onde o Brasil tem uma larga experiência através da construção de grandes usinas hidrelétricas, garimpos, e construções de capitais como Brasília e Palmas (TO), geralmente, é o aparecimento de grandes bolsões de misérias. Em grande medida isso se deve aos discursos dos políticos e dos empresários que vendem uma ideia de que estes grandes projetos trarão o desenvolvimento para a região. Entretanto, é importante se ter a clareza de que as empresas não podem e não devem ser os únicos caminhos que levem a sustentabilidade ou salvação econômica de um lugar ou de uma região. Apesar de alguns setores da política, da economia e da administração acreditarem que isso seja possível, e por isso, vendem esta retórica como uma estratégia eficaz para conseguirem sensibilizar a sociedade local e regional. Santos (2000, p. 67) analisa esta situação da seguinte forma:

as empresas privadas assumiram um trabalho de assistência social antes deferido ao poder público. Caber-lhe-ia, desse modo escolher

quais os beneficiários, privilegiando uma parcela da sociedade e deixando a maior parte de fora. [...] Essa 'política' das empresas equivale à decretação de morte da Política.

Mas, então como estabelecer um diálogo com essas empresas buscando a minimização dos seus impactos deletérios nos meios ecológico e social? É sabido que o objetivo de qualquer grupo empresarial é a lucratividade de sua produção, no caso das multinacionais do eucalipto, a sua produtividade tem relação direta com as condições edafoclimáticas encontradas no Extremo Sul da Bahia, bem como, a sua posição geográfica estratégica. Portanto, essas empresas não têm uma vida própria, elas dependem de vários fatores que fogem ao seu poder de controle. Para obter sucesso em sua produtividade essas empresas precisam muito mais do que a construção de um prédio ou de um corpo de trabalhadores, elas dependem em muito da natureza. Por isso, a importância de haver um corpo técnico (das prefeituras ou do Estado) preparado para negociar as condições para sua instalação no município ou até mesmo pensar num planejamento para toda a região. Todavia, o que houve foi uma espécie de abertura do território em prol desta atividade sem que se pensasse nas repercussões sócio-ambientais. Uma abertura que foi, de certa forma, articulada, isto é, não se deu por acaso; como se a região fosse preparada para o eucalipto. De acordo com Pedreira (2004, p.1010), a conjunção de fatores, como a existência de áreas aptas ao reflorestamento, excelentes condições edafoclimáticas, os incentivos fiscais, além do padrão concorrencial do segmento de papel e celulose, condicionaram-se mutuamente para que o Extremo Sul da Bahia se tornasse uma área privilegiada para a expansão e o desenvolvimento de atividade florestal e da agroindústria de celulose.

Observa-se que estas empresas não se instalariam somente por conta de incentivos fiscais, mas dependem, sobretudo, de condições naturais. Além disso, a geografia da região favorece o seu circuito de produção e o escoamento de seus produtos, por isso, elas "*na busca da mais-valia desejada, valorizam diferentemente as localizações. Não é qualquer lugar que interessa a tal ou qual firma*" (SANTOS, 2000, p.33). Neste

caso, por exemplo, a isenção de impostos por longos períodos de atividade da empresa não se justifica somente através dos dividendos que ela poderá gerar para poucos municípios do Extremo Sul Baiano. Em 2001, "exportação de celulose pela Bahia ocupava o terceiro lugar na pauta de exportações do Estado" (SILVA, 2001, p. 70), sendo assim, pode se questionar o porquê da não redução da pobreza regional, e até mesmo local, através desta atividade econômica. Isso comprova que nenhuma empresa ou atividade econômica é capaz, de maneira isolada, acabar com a pobreza de uma região inteira ou de um lugar. De acordo com Cerqueira Neto (2008, p. 106),

a incapacidade de buscar alternativas que coloquem a sua população desempregada dentro da economia faz com que os dirigentes políticos se acomodem em apenas discursar sobre o feito de terem atraído uma grande empresa para o seu município, sem pensar nas consequências negativas de âmbitos sociais, ambientais, culturais e econômicas que isso pode gerar. Então, sabedoras das debilidades dos nossos administradores públicos, as empresas passam a ditar as regras em territórios totalmente abertos e fragilizados politicamente.

Assim, as grandes empresas criam ou recriam novas regiões, e talvez por isso sejam tão responsabilizadas pelo desenvolvimento ou crescimento dos lugares. A chegada das grandes empresas do eucalipto no Extremo Sul baiano não provocou o aparecimento de nenhum município, no entanto, houve mudança na dinâmica de alguns distritos que adquiriram uma rotina de pequenas cidades, como Posto da Mata (distrito de Nova Viçosa) e de Barrolândia (distrito de Belmonte), só para citar dois exemplos. Estes distritos, até então com uma vida pacata, são violentados para atender as necessidades de corporações maiores que eles. Simplesmente, se torna um cataclismo. Para Dias, N. (2001, p. 322)

o avanço das atividades ligadas ao plantio de eucalipto [...] interfere de forma significativa na vida socioeconômica da região, provocando profundas modificações em sua organização sociocultural, vez que esses pro-

jetos agem como atrativos de população e, conseqüentemente, de modos de vida diferentes daqueles vigentes na área.

Assim, fica evidente que o governo, em todas suas escalas, se omitiu de todo esse processo de eucaliptização da região, e, isto deve ser questionado, pois a expansão do eucalipto no Extremo Sul da Bahia está ligada diretamente à raquitização político-econômica, principalmente dos municípios. De acordo com Dias, N. (2001, p. 322),

o impacto desses projetos sobre a precária infra-estrutura existente, levando a uma significativa degradação dos serviços oferecidos à população, especialmente àqueles que não conseguiram inserção nas novas atividades relacionadas ao plantio e beneficiamento de eucalipto.

Esta interferência, descrita pelo autor citado acima, não acontece somente com os empreendimentos ligados ao eucalipto, mas é próprio da falta de organização dos territórios, que vai desde a escala local até a global. Não houve no Extremo Sul Baiano projetos de construção das cidades. Os lugares sofrem impactos desde as primeiras atividades econômicas.

Dentro do período histórico (2006-2009) no qual a tese foi realizada, é possível vislumbrar que as florestas de eucalipto permanecerão por muitos anos na região. É um novo ciclo econômico, que produz um artigo de necessidade a humanidade, desde um simples bilhete até a impressão de livro, e o uso do computador exigiu mais utilização do papel, o que muitos pensavam ser um paradoxo. Um ciclo que com todas as críticas, a maior parte considerável, não tem nenhuma relação com a extinção da fauna e da flora na região. A despeito de sua infraestrutura, as plantações e as unidades fabris, é outra razão para se projetar a sua longevidade, tendo em vista que seria impossível pensar que ela poderia ser desfeita uma hora para outra, e sua produção se comporta de maneira satisfatória ante às crises econômicas, pois, ainda que haja fusões ou compra de uma companhia por outra, a sua produção continuará para atender aos mercados internos e externos. Nos quadros 01, 02 e 03, com base em informações divulgadas em diferentes meios pelas empresas, estão compilados dados sobre a trajetória, áreas de atuação e os perfis das principais produtoras de eucalipto no Extremo Sul da Bahia.

ANO	ACONTECIMENTOS
1991	- Início de atividades da Veracruz Florestal Ltda. Como subsidiária da Odebrecht. - A empresa realiza suas primeiras aquisições de terras no Sul da Bahia, entre elas a Estação Veracruz, atual Estação Veracel.
1992	- Início do plantio de eucaliptos.
1997	- Associação entre a Odebrecht e Stora (Suécia).
1998	- Mudança da razão social para Veracel Celulose S.A.
1999	- Fusão entre Stora (Suécia) e Enso (Finlândia) formando a Stora Enso.
2000	- Novo acordo de acionistas marca ingresso da Aracruz no empreendimento.
2001	- Início da construção do Terminal Marítimo de Belmonte
2002	- Terminal Marítimo de Belmonte entra em operação. - Início das operações de transporte e comercialização da madeira.
2003	- Início das obras da fábrica.
2004	- Aprovação do financiamento do projeto por agências multilaterais e BNDES. - Criação e aprovação da Agenda de Sustentabilidade.
2005	- Adesão ao Pacto Global (<i>Global Compact</i>). - Iniciado o processo de certificação dos plantios pelo Cerflor (Programa Brasileiro de Certificação Florestal - Inmetro). - Inauguração da fábrica e início das operações industriais.

Quadro 01. Trajetória da Veracel Celulose S.A. no Extremo Sul da Bahia. Elaboração: CERQUEIRA NETO, S.P.G, 2007.

Área total	168.794 hectares.
Localização da fábrica e dos plantios Fundação	Extremo Sul da Bahia e Norte do Espírito Santo.
Início da Unidade Fabril em Mucuri	Em 1987 é criada a Bahia Sul Celulose S.A. Tinha como sócias a Cia. Suzano de Papel e Celulose e a Cia. Vale do Rio Doce.
A unificação da empresa	Março de 1992 começa a produção de celulose e em Fevereiro de 1993 tem início a fabricação de papel.
Municípios do Extremo Sul da Bahia que fazem parte do seu Complexo	Em junho de 2001 a Cia. Suzano de Papel e Celulose compra todas as ações pertencentes a Cia. Vale do Rio Doce. Em junho de 2004 passa a se chamar Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A.
	Alcobaça, Caravelas, Ibirapua, Lajedão, Mucuri, Nova Viçosa e Teixeira de Freitas.

Quadro 02. Trajetória da Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A. na região. Elaboração: CERQUEIRA NETO, S.P.G, 2007.

Área total	18.554 hectares.
Objetivo do seu plantio	Produzir eucalipto para transformá-lo em carvão que abastece os fornos da Belgo em Juiz de Fora (MG).
Área destinada a produção	8.843 hectares.
Empresa controladora	Grupo Arcelor Mittal, considerado como o maior grupo siderúrgico do mundo. É o acionista controlador da Acesita (Vale do Aço, MG).
Municípios do Extremo Sul da Bahia onde localizam as plantações da empresa	Teixeira de Freitas, Caravelas, Prado e Alcobaça.

Quadro 03. Atuação CAF Santa Bárbara Ltda. na região. Elaboração: CERQUEIRA NETO, S.P.G, 2007.

A atuação dessas empresas tem influência direta nas novas configurações territoriais, tendo em vista que, elas promovem, através do comércio com outros países, a inserção da região no mercado mundial, têm peso relevante na política das localidades onde estão inseridas, geram empregos, criam bairros, provocam discussões acaloradas sobre as suas atuações na sociedade e no meio ecológico.

Rede: a integração que o governo não fez

Quando se pensa num projeto de integração espacial é impossível não colocar em destaque a construção de uma rede que permita a inserção interna e externa dos lugares, das regiões ou dos países no contexto social, econômico, ambiental e cultural. De acordo com Dias (1995, p. 149) os estudos sobre redes, na atualidade, permite verificar as "suas relações com a urbanização, com a divisão territorial do trabalho

e com a diferenciação crescente que esta introduziu entre as cidades. Trata-se, assim, de instrumento valioso para a compreensão da dinâmica territorial brasileira". Geralmente, no Brasil, quando um lugar é bem servido por uma rede mais completa significa que este lugar é um ponto de referência, mormente, econômico. Na definição de Toledo Junior (2003, p.93): "as redes podem ser entendidas tanto como a presença de uma infraestrutura no território quanto pelos serviços que esta permite que se realizem". O entendimento desta complexidade vai desde relacionar quantos quilômetros de cabo de fibra óptica existem num território até o grau de influência que um lugar exerce sobre os outros a partir da grandiosidade de sua rede.

No que tange a implantação de redes, a Bahia seguiu o mesmo modelo adotado pelos diferentes presidentes da República, onde se privilegiava alguns lugares e deixava a maioria

do território nacional à mercê de uma evolução aleatória ou natural, isto significa dizer que não houve um planejamento que tivesse a unidade do estado como objetivo principal, mas a diferenciação dos lugares de acordo com a sua importância política e econômica. O favorecimento de algumas regiões em detrimento de outras é parte da história da política econômica do país, e isto foi seguido pelos governos estaduais. No que concerne a escolha dos lugares que serão aparelhados por uma rede, Toledo Junior (2003, p. 95) diz que

a concentração das redes em determinados pontos do território normalmente irá indicar lugares que são bem servidos por diversos tipos de infra-estruturas, que se dão através de investimentos públicos e privados, mas que servirão preferencialmente a determinada parcela do território e da sociedade.

Dentro desse hiato deixado pelos governos baianos, as empresas com grande poder de transformação espacial passaram a suprir esta deficiência do Estado, ainda que o objetivo primeiro seja o de atender as suas necessidades logísticas, porém de uma forma ou de outra os lugares vão aproveitando de uma nova rede que as grandes empresas constroem. A cada novo traçado que vai sendo tecido por essas empresas há, paralelamente, um aumento da urbanização que pode levar à formação da rede urbana que de acordo com Corrêa (2005, p.93) é constituída por um "conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. É, portanto, um tipo particular de rede na qual os vértices ou nós são os diferentes núcleos de povoamento dotados de funções urbanas". No Extremo Sul da Bahia houve modificações substanciais no território a partir da chegada das grandes empresas do eucalipto, de acordo com as quais os lugares começaram a ter suas funções mais definidas.

Enquanto Itabuna-Ilhéus, pólo concentrador do comércio de cacau, e os demais municípios que gravitavam no seu entorno recebiam investimentos para consolidar uma rede, composta por rodovias e portos, que visava dar maior mobilidade interna e externa ao cacau, o Extremo Sul da Bahia, ainda que, fazendo parte da área produtora de cacau nos tempos áureos, ficou à margem desses benefícios. O que se vê com este

retardo na construção de uma rede para o Extremo Sul Baiano é que outros municípios interioranos "*começam a adquirir certa importância como, por exemplo, Ipiaú e Ubaitaba, expressando também a melhoria na interdependência do sistema de transporte rodoviário fortemente apoiado pelo Instituto do Cacau da Bahia*" (SILVA, S. 2001, p. 63). A situação de precariedade de comunicação terrestre só começa a ser amenizada com o asfaltamento da BR-101, via responsável por estreitar cada vez mais a relação desta parte da Bahia com o Sudeste do país. A BR 101 no trecho que passa pelo Extremo Sul funciona com uma espinha dorsal de onde partem ou se encontram os ramais que ligam todos os municípios da região.

A implantação dos complexos industriais de celulose e papel "obrigou" a região a se adequar a um novo cenário no qual se tornaria um dos maiores centros produtores de eucalipto do país, o que implicava melhoria, expansão e introdução de novas redes que permitissem uma maior agilidade e instantaneidade em seus sistemas de comunicação e maior eficiência em sua logística. Esta exigência técnica resultou na revitalização, abertura e asfaltamento das estradas que dão acesso às cidades e aos distritos que estão no entorno dos parques industriais e ou áreas de plantio. Estima-se que somente a Veracel Celulose S/A tenha construído mais de 110 km de estradas asfaltadas e mais de 1.500 km de estradas cascalhadas na região de Eunápolis. As repercussões desta atividade econômica no território e na sociedade, no que concerne a melhoria ou o aumento da rede de transporte e de comunicação podem ser observadas através dos pontos destacados abaixo.

a) Recuperação do trecho da BR-101 (principal via de escoamento terrestre) que passa pela região. Sendo a via principal, ela é de fundamental importância interna para o desenvolvimento da região. Nela estão localizadas as duas cidades regionais, Eunápolis e Teixeira de Freitas, que são dotadas de órgãos oficiais estaduais e federais, são centros de compras, possuem os hospitais mais equipados, faculdades e universidades. Sendo assim, a boa manutenção desta rodovia representa melhor mobilidade para a sociedade da região como também para os que

estão de passagem ou a passeio pelos lugares turísticos. No entanto, a preocupação com a melhor condição de tráfego pela BR 101 atende principalmente às empresas transformadoras de eucalipto.

b) A construção de um terminal marítimo no município de Belmonte para escoamento das toras de eucalipto é outra obra de grande relevância na região (figura 06). Diferentemente da BR 101, a navegação marítima partindo deste porto é exclusivamente para favorecer a mobilidade da Veracel. Desta forma, não há nenhum benefício para os cidadãos que moram no Extremo Sul da Bahia. Talvez, no futuro possa se encontrar uma forma de integrar o terminal marítimo de Belmonte com a região, como por exemplo, na exportação e importação de mercadorias ou até mesmo para o desembarque de turistas.

c) A ampliação de opções pelo transporte aéreo que se mostra presente na ampliação ou construção de um novo aeroporto para Porto Seguro. Neste caso, o turismo tem um grande apelo, contudo, por estas empresas serem formadas por sócios estrangeiros ou que vivem em outros estados do Brasil e a troca de conhecimento entre seus técnicos que necessitam se locomover entre grandes distâncias, as companhias aéreas não ignoram este filão do mercado. Em Teixeira de Freitas há um aeroporto que precisa ser ampliado para receber grandes aeronaves.

d) Outra influência das multinacionais do eucalipto está na melhoria da rede de comunicação como na chegada das operadoras de telefonia móvel que disputam os municípios da região e na implantação de servidores de internet. No Extremo Sul da Bahia as principais operadoras (TIM, CLARO, OI e VIVO) já demarcaram seus lugares. Municípios até então servidos apenas por telefone fixo passaram a ter torres que distribuem o sinal para os telefones móveis. A estratégia das operadoras é a seguinte: sabendo que os funcionários destas empresas precisam de uma comunicação que vai além do telefone fixo e da internet eles se tornam a porta de entrada para a expansão dos serviços de telefonia móvel. Este panorama reforça a análise de que no Brasil "os investimentos maciços no setor de telecomunicações vieram satisfazer, antes de tudo,

às exigências das mais poderosas organizações nacionais e internacionais" (DIAS, 1995, p. 153). Os próprios pacotes das operadoras favorecem com tarifas mais atraentes às empresas, enquanto que para o consumidor simples os serviços são mais caros.

e) Por fim, percebe-se houve uma maior fluidez dos ônibus que fazem as rotas dentro da própria região bem como para outras regiões baianas e outros estados. Os deslocamentos dos trabalhadores para as cidades onde estão instalados os parques industriais da celulose provocaram um aumento na disponibilidade de horários das empresas de ônibus. Por exemplo: se antes uma empresa de ônibus disponibilizava para um determinado lugar, geralmente aqueles com menor número de habitantes, somente um horário durante o dia, depois da chegada do eucalipto passou fornecer mais um. Dessa forma, ainda que esta mudança seja forçada em função das empresas do eucalipto, a população local também desfruta desta possibilidade de maior mobilidade pelo território.

É importante lembrar que quando se refere ao atendimento às indústrias do eucalipto, está implicitamente, também, relacionando a gama de empresas terceirizadas que prestam serviços a elas, que, por sua vez, também precisam de uma rede para o desenvolvimento de suas atividades e para o trânsito de seus funcionários.

Essas melhorias da infraestrutura das redes no Extremo Sul baiano, ora realizadas, tendenciosamente, pelo Estado, ora, pela iniciativa privada ou ainda em conjunto, são frutos de uma política de incentivo para a implantação e aumento de atividades industriais. Elas seguem uma política oficializada no país, segundo a qual "o desenvolvimento industrial se torna prioritário da economia nacional, representando um modelo através do qual o Estado devia realizar a integração do mercado nacional" (DIAS, 2004, p.162). Então, pode-se concluir que no Brasil se não há possibilidades da chegada de um grande empreendimento num dado lugar, a sociedade que nele habita estará fadada ao isolamento.

Dessa forma, uma grande área do Extremo Sul foi "capturada" por uma rede tecida pelas multinacionais do eucalipto com

o consentimento do Estado, que não percebeu o perigo de perder uma das suas funções vitais, que é a de organizar e gerenciar o seu espaço territorial em benefício da sociedade. Hoje, o eucalipto é responsável por uma nova caracterização geoeconômica do Extremo Sul da Bahia provocando, inclusive, o desaparecimento das fronteiras geográficas nos pontos de divisa com os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, formando assim uma região, quase, autônoma. Ignoradas essas fronteiras vizinhas, o eucalipto vai inserir o Extremo Sul no contexto mundial através da exportação de seus produtos e pela própria composição dos acionistas de algumas empresas, que têm suas origens em outros países.

O preterimento do Extremo Sul da Bahia em relação a outras regiões do estado, no que tange a implantação de uma rede eficaz que propiciasse a sua integração, desde o apogeu do cacau, com isolamento parcial por falta de estradas, fez com que a região buscasse o seu caminho para uma sobrevivência econômica. Dessa forma ela ficava suscetível de ser vista apenas como um imenso hiato desvalorizado entre o Sudeste e o Nordeste, ou, ao contrário, um grande eldorado para as grandes organizações que passam a ser a única esperança de entrada da região no cenário econômico nacional e internacional através da construção de suas redes. Neste sentido, as multinacionais do eucalipto tiveram um papel decisivo na melhoria da infraestrutura de comunicação interna e externa do Extremo Sul, bem como viabilizando uma maior mobilidade. Contudo, não se pode perder de vista que

a ótica das redes manifesta a espacialidade das grandes corporações e instituições internacionais (que em geral possuem sedes centrais nos países do chamado Primeiro Mundo), as quais operam numa lógica escalar que só concebe a existência do local e do global, posto atuarem por meio de fluxos e pontos (MORAES, 2002, p. 193).

Essa dinâmica parece ser uma troca natural que ocorre entre territórios desamparados e enfraquecidos politicamente, mas que ao mesmo tempo são ricos em recursos naturais, e as grandes empresas que têm capacidade de transformar os recursos em riquezas. Sobre esta relação entre

governo brasileiro e as empresas de eucalipto, Monteiro (1981, p. 40) nos mostra que ela não é recente na história do país, tendo em vista que,

o programa de reflorestamento (ou melhor dizendo, de silvicultura com espécies alienígenas) desencadeado especialmente a partir de 1966 (Lei dos incentivos fiscais n.5.106) gerou condições de garantia de matéria-prima para a indústria de polpa, papel e celulose que, em vista do esforço de exportação, chegou a medidas estimuladoras, que cumularam com a admissão do próprio transplante de fábricas.

No Extremo Sul da Bahia o comportamento do eucalipto diferencia dois exemplos da literatura: o caso de Aracruz (ES) estudado por Rosélia Piquet (1998) e o caso de Telêmaco Borba (PR) pesquisado por Bacha (1988) envolvendo a Klabin; pois, nessa região, ele encontrou cidades prontas, com alguma infraestrutura, isto que dizer que não precisou construir bairros ou cidades, apenas aprimorou o que havia e acrescentou outros elementos que beneficiaram as suas atividades.

Conclusão

Sem dúvida que a atividade que mais desperta interesse, ou chama a atenção no território do Extremo Sul da Bahia, dentre outras de grandes dimensões, é a que tem na transformação da celulose seu principal objetivo de comércio. O eucalipto transformou o campo e o urbano nas localidades que estão no entorno de suas plantações ou fábricas. Despertou alegrias e contestações nos diferentes meios da sociedade e a sua produção significa um novo ciclo econômico no Extremo Sul da Bahia, e apresenta suas contradições como qualquer outro ciclo que se instala numa região. A eucaliptização do Extremo Sul é decorrente de vários processos históricos de ocupação do território.

Entre os problemas mais evidenciados pela chegada do eucalipto na região, recebem uma atenção especial o aumento da prostituição, crescimento da criminalidade, desterritorialização de parte da sociedade rural, aumento dos imóveis e perturbação no meio ecológico. A maior parte

dessas consequências pode ser constatada nos trabalhos de campo e por pesquisas e artigos escritos sobre o extremo sul da Bahia. Entretanto, é importante fazer algumas considerações sobre esta atividade econômica não no sentido de elaborar alguma defesa sobre seus malefícios nesta parte do Brasil. Interessante lembrar que o eucalipto chega numa região desprezada e debilitada politicamente e desgastada ambientalmente pela exploração da Mata Atlântica. Logo, no extremo sul da Bahia o eucalipto encontra uma terra fértil para sua expansão. Uma expansão que foi proporcionada por vários fatores, tais como, o financiamento da atividade pelo Governo Federal através de liberação de verbas do BNDES; as dificuldades de obtenção de crédito por parte do pequeno agricultor, e sem condições de melhorar sua produção a tendência é se desfazer da terra, se tornar empregado, inclusive das empresas do eucalipto, inchaço das cidades, diminuição da produção rural.

Não se pode pensar que o eucalipto

chega ao Extremo Sul logo após as primeiras derrubadas de matas efetuadas no começo do século XVI. Até a chegada desta atividade houve outras atividades econômicas tão danosas ao meio ambiente quanto ao ser humano que exploraram esta região, no entanto, também responsáveis pela urbanização regional. Não se sabe ao certo o quanto irá durar o ciclo do eucalipto no Extremo Sul da Bahia, porém, é preciso haver a construção de novas posturas que visem a uma maior integração entre as empresas e os municípios. Contudo, em entrevista com lideranças políticas de várias localidades, percebeu-se que é muito mais fácil o acesso ao presidente de uma grande empresa por parte dos políticos locais do que marcar uma audiência com o governador do Estado. Com isso, conseguem a reforma de uma escola, a construção de uma creche, a aquisição de ambulâncias, por exemplo. Isso tende a distanciar, cada vez, mais a região do poder central baiano e pode criar uma relação, entre empresa e municípios, onde o bem-estar da sociedade não seja o objetivo final.

Bibliografia

CERQUEIRA NETO, Sebastião P. G. Eucaliptização: um processo de especialização do Extremo Sul da Bahia? *CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária*, v.3, n. 6, p. 85-108, ago. 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DIAS, Leila Christina. *A importância das redes para uma nova regionalização brasileira*. In: LIMONAD, E. et al (orgs.). *Brasil século XXI: por uma nova regionalização?* São Paulo: Max Limonad, 2004.

DIAS, Leila Christina. *Redes: emergência e organização*. In: CASTRO, Iná et al (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DIAS, Noilton Jorge. *Os impactos da moderna indústria no Extremo Sul da Bahia: expectativas*

e *frustrações*. *Revista Análise & Dados*. Salvador, SEI, v.10, nº4, p.320-325. março, 2001.

DINIZ, Célio Campolina. *Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração, nem contínua polarização*. *Revista Nova Economia*. Belo Horizonte: FACE/UFMG, set. 1993. p.35-61.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). *De portas abertas para o desenvolvimento sustentável: Veracel Celulose*. São Paulo, 2007.

HANSEN, Dean L. *Educação e desenvolvimento local*. In: FALCÓN, Maria LúciaO.; HANSEN, Dean L. e BARRETO JÚNIOR, Edison R. (orgs.) *Cenários de desenvolvimento local: estudos exploratórios*. Aracajú: Secretaria Municipal de Planejamento, 2003. p.97-123.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução:

- Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MONTEIRO, Carlos A. F. *A questão ambiental no Brasil (1960-1980)*. São Paulo: IGEOU-USP, 1981.
- MORAES, Antônio C. Robert. *Território e história no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- PEDREIRA, Márcia S. Complexo florestal, desenvolvimento e reconfiguração do espaço rural: o caso da Região do Extremo Sul baiano. *Revista Bahia Análise & Dados. Salvador*, v.13, nº4, p. 1005-1018, março de 2004.
- PIQUET, Rosélia. *Cidade-empresa: presença na paisagem urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, Sylvio B. M. *Formação de uma região dinâmica: o exemplo do Extremo Sul da Bahia*. in: BENEDICTO, J.L.L. e SPINOLA, N.D. (coord.) *Desarrollo Regional*. Barcelona (Espanha): Xarxa Temàtica MEDAMERICA, 2001.
- SILVA, Sylvio C.B.M. e SILVA, Barbara-Christine N. *Estudos sobre globalização, território e Bahia*. Salvador: UFBA, 2003.
- SINGER, Hans W. *Países ricos e países pobres*. Tradução: José R. B. Azevedo. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1979.
- TOLEDO JÚNIOR, Rubens de. *Telecomunicações e uso do território brasileiro*. In: SOUZA, Maria Adélia A. (org.). *Território brasileiro, usos e abusos*. Territorial. Campinas (SP), 2003.

